

REVISTA

DESAFIOS

ISSN: 2359-3652

V.12, n.3, ABRIL/2025 – DOI: http://dx.doi.org/10.20873/2025_abr_21269

ESTADO DA ARTE DOS ESTUDOS EM LAZER NA ESCOLA: Um olhar sobre o Ensino Médio.

STATE OF THE ART OF LEISURE STUDIES AT SCHOOL: A look at High School.

ESTADO DEL ARTE DE LOS ESTUDIOS DEL OCIO EN LA ESCUELA: Una mirada a la Escuela Secundaria.

Caio Vnicius Freitas De Alcântara

Mestrando em Educação Física pelo Programa de mestrado profissional em rede nacional PROEF na Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: caio_alcantara123@hotmail.com | <https://orcid.org/0009-0009-9033-0321>.

Ruhena Kelber Abrão

Doutor em Educação em Ciências, Química da Vida e Saúde (UFRGS). Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: kelberabraq@uft.edu.br | <https://orcid.org/0000-0002-5280-6263>.

RESUMO

O presente artigo compõe o projeto de mestrado profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF), cujo tema é “Estudos do Lazer no Ensino Médio Tocantinense”. Com esse artigo, a partir do Estado da Arte objetivasse analisar o que se tem produzido sobre Lazer no contexto educacional referente a faixa etária do Ensino Médio (14 a 17 anos). para tanto, utilizou-se o método de investigação documental bibliográfica em três plataformas digitais: LILACS, SCIELO, plataforma de periódicos CAPES e um periódico de maior impacto na área de Lazer, a LICERE. O recorte temporal da pesquisa ocorreu entre os anos de 2014 e a data de 06 de agosto de 2024, contando com três descritores norteadores: Lazer, Escola, Ensino Médio. A partir da aplicação dos filtros e das respectivas leituras de títulos e resumos de 71 artigos, foram selecionados 8 trabalhos que se encaixavam na temática proposta. Desta investigação foram formados quatro grupos de temáticas afins, sendo eles: Lazer e Escola; Lazer e atividade física; Lazer e processos de Saúde e Doença; Lazer, sociedade e afetividade juvenil.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer, Escola, Ensino Médio.

ABSTRACT:

This article forms part of the professional master's degree project in Physical Education on a National Network (PROEF), whose theme is "Leisure Studies in Secondary Education in Tocantins". With this article, based on the State of the Art, we aimed to analyze what has been produced about Leisure in the educational context regarding the High School age group (14 to 17 years old). To this end, the bibliographical documentary research method was used on three digital platforms: LILACS, SCIELO, CAPES journal platform and a journal with the greatest impact in the area of Leisure, LICERE. The research timeframe occurred between the years 2014 and August 6, 2024, with three guiding descriptors: Leisure, School, High School. After applying the filters and reading the titles and abstracts of 71 articles, 8 works were selected that fit the proposed theme. From this investigation, four groups of related themes were formed, namely: Leisure and School; Leisure and physical activity; Leisure and Health and Illness processes; Leisure, society and youth affection.

KEYWORDS: Leisure, School, High School.

RESUMEN

Este artículo forma parte del proyecto de maestría profesional en Educación Física en Red Nacional (PROEF), cuyo tema es "Estudios del Ocio en la Educación Secundaria en Tocantins". Con este artículo, basado en el Estado del Arte, nos propusimos analizar lo que se ha producido sobre el Ocio en el contexto educativo en el grupo etario de Educación Secundaria (14 a 17 años). Para ello se utilizó el

método de investigación documental bibliográfica en tres plataformas digitales: LILACS, SCIELO, plataforma de revistas CAPES y una revista de mayor impacto en el área del Ocio, LICERE. El período de investigación ocurrió entre los años 2014 y el 6 de agosto de 2024, con tres descriptores rectores: Ocio, Escuela, Escuela Secundaria. Luego de aplicar los filtros y leer los títulos y resúmenes de 71 artículos, se seleccionaron 8 trabajos que se ajustan a la temática propuesta. A partir de esta investigación se conformaron cuatro grupos de temas relacionados, a saber: Ocio y Escuela; Ocio y actividad física; Procesos de Ocio y Salud y Enfermedad; Ocio, sociedad y afectividad juvenil.

Palabras clave: *Ocio, Escuela, Bachillerato*

INTRODUÇÃO

Ao longo da história humana, os conceitos de Trabalho e Lazer passaram por constantes transformações (BARBOSA; SILVA, 2011). Na era Clássica, o ócio grego possuía um caráter reflexivo e crítico, sendo parte essencial da rotina dos cidadãos das antigas polis. Ele era visto como um tempo indispensável para a formação social e intelectual (GOMES, 2004; WOGEL, 2013).

Com o avanço da história, o lazer na Idade Média foi frequentemente associado ao descanso das atividades agrícolas e militares. Além disso, a forte influência da Igreja Católica na época restringiu diversas práticas de lazer e atividades físicas. Segundo Lima (2018), a Igreja exercia um controle absoluto sobre os fiéis durante a chamada "Idade das Trevas", moldando os costumes e práticas sociais. O teatro era um dos principais meios de lazer, mas possuía um viés doutrinário, abordando temas como morte, julgamento da alma e salvação divina, com representações de figuras religiosas como Jesus Cristo, Maria Madalena e os anjos (LIMA, 2018, p. 100).

Com a gradual queda do feudalismo e a ascensão do capitalismo, as relações entre trabalho e tempo livre se modificaram. Marcelino (1996) aponta que, na sociedade industrial, o lazer passou a ser visto com preconceito, sendo frequentemente considerado improdutivo e inútil. Esse pensamento reflete-se na sociedade de consumo, no qual Adorno (2002) destaca que o lazer se tornou um produto mercadológico, esvaziado de seu potencial emancipatório.

No contexto acadêmico, Alcântara et al. (2024) discutem os conceitos de Lazer, Ócio, Tempo Livre e Tempo de Não Trabalho, destacando suas semelhanças e diferenças. Gomes (2004, p. 24) define o lazer como a "vivência lúdica de manifestações culturais em um espaço/tempo conquistado pelo sujeito ou grupo social". Já o ócio é descrito como uma atividade nobre, associada à contemplação filosófica e política (GOMES, 2004, p. 166).

O conceito de tempo livre está diretamente relacionado à liberação do trabalho, possibilitando tanto a prática do lazer quanto do ócio (ALCÂNTARA et al., 2024; GOMES, 2004). Entretanto, Marx (2017) alerta que esse tempo pode ser furtado do trabalhador, uma vez que ele continua subjugado ao consumo e aos

interesses do capital, mesmo após o expediente, fenômeno que Mascarenhas (2005) chama de Mercolazer.

LAZER E EDUCAÇÃO: UM TEMA URGENTE

Diante desse cenário, cresce a preocupação com a relação entre lazer e educação, uma vez que uma das finalidades da educação brasileira é preparar o estudante para o mundo do trabalho (BRASIL, 1996). No ambiente escolar, é essencial abordar o lazer de forma crítica, promovendo reflexões sobre sua prática dentro e fora da escola.

No Ensino Médio, essa discussão se torna ainda mais relevante. Essa etapa da Educação Básica impõe uma carga horária extensa, maior pressão acadêmica e mudanças fisiológicas da puberdade (POUSAS, 2017). A forma como o lazer é tratado na escola pode impactar diretamente a qualidade de vida e saúde mental dos estudantes. No entanto, o lazer ainda é frequentemente visto sob dois extremos: como inútil e preguiçoso ou como um instrumento utilitarista e produtivo (ALBORNOZ, 2008; AQUINO; MARTINS, 2007).

Diante dessa inquietação crescente, o presente artigo tem como objetivo realizar uma pesquisa bibliográfica para analisar a produção acadêmica sobre lazer no Ensino Médio nos últimos 10 anos.

METODOLOGIA

Esta pesquisa utiliza o método de investigação documental bibliográfica, que, segundo Lakatos & Marconi (2003, p. 183), “abrange toda bibliografia já tornada pública sobre o tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas”. Esse tipo de pesquisa não se limita à repetição de estudos anteriores, mas busca trazer novas questões e lacunas sobre o tema, contribuindo para o avanço do conhecimento (SEVERINO, 2013).

Para compilar um estado da arte sobre o lazer no Ensino Médio, foram selecionadas quatro plataformas científicas:

- LILACS
- SCIELO
- Plataforma de Periódicos CAPES
- LICERE

Foram utilizadas três palavras-chave para a busca de artigos: Lazer, Escola e Ensino Médio. Como resultado:

- 71 artigos foram encontrados, sendo:
 - 32 na LILACS
 - 30 na CAPES
 - 5 na LICERE
 - 4 na SCIELO

Sem o termo “Ensino Médio”, a busca retornou 667 artigos, demonstrando que a restrição ao Ensino Médio reduziu significativamente o universo da pesquisa.

O primeiro filtro foi a leitura dos títulos, resultando na seleção de 31 artigos pertinentes ao tema:

- 12 na LILACS
- 10 na CAPES
- 5 na LICERE
- 4 na SCIELO

Na segunda etapa, foram lidos os resumos, reduzindo a amostra para 18 artigos. Após a exclusão de artigos repetidos, estrangeiros e incompletos, restaram 8 artigos completos que abordam diretamente o lazer no Ensino Médio.

A análise realizada revela que a produção científica sobre lazer no Ensino Médio ainda é limitada, evidenciando a necessidade de maiores estudos e debates sobre o tema. O lazer na escola pode desempenhar um papel

fundamental na formação dos jovens, auxiliando no desenvolvimento social, emocional e crítico. No entanto, sua abordagem ainda enfrenta desafios, especialmente diante de um modelo educacional que, muitas vezes, subestima sua importância.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A fim de melhor ilustrar os resultados obtidos com o levantamento bibliográfico, organizou-se uma tabela expositiva com breves informações no que concerne à autoria, o título e contextualização.

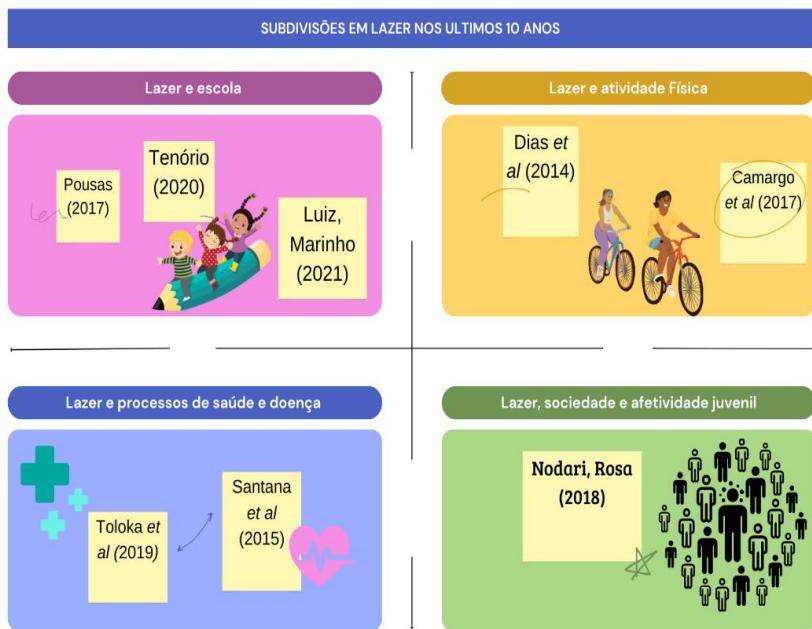
Autoria	Plataforma	Título	Contextualização
DIAS <i>et al</i> (2014)	LILACS	Barreiras percebidas à prática de atividades físicas no lazer e fatores associados em adolescentes	Este estudo transversal objetivou compreender os principais entraves para a prática de atividade física no momento de lazer de 1409 adolescentes cursantes do ensino médio em escolas públicas no município de Londrina/PR.
SANTANA <i>et al</i> (2016)	Plataforma CAPES	Prevenção da perda auditiva no contexto escolar frente ao ruído de lazer	O estudo objetivou verificar a utilização recreativa do som estéreo no tempo de lazer de 58 estudantes entre 10 e 17 anos de idade, bem como mensurar os conhecimentos destes jovens acerca dos malefícios trazidos pelo abuso do som.

CAMARGO <i>et al</i> (2017)	LILACS	Facilitadores para a prática de atividade física no lazer em adolescente	O estudo utiliza a metodologia de grupos focais na busca de identificar elementos facilitadores de práticas corporais ativas no tempo de lazer de adolescentes, cuja idade varia de 14 a 17 anos, estudantes de escolas públicas e privadas no município de São José dos Pinhais/PR.
POUZAS (2017)	SCIELO	Lazer Na Escola: as tensões estabelecidas entre os processos de escolarização e o lazer em um colégio de nível médio/técnico.	Pesquisa realizada no colégio técnico da UFMG, cuja premissa central consiste na busca por compreender o lazer dos estudantes por meio do método de grupo focal.
NODARI, ROSA (2018)	LILACS	Grupos de lazer como contextos de desenvolvimento	A presente pesquisa teve como participantes 21 jovens estudantes de escola pública cujas idades variam entre 15 a 19 anos. o estudo investiga a influencia da participação em grupos de lazer no desenvolvimento desses adolescentes.
TOLOCKA <i>et al</i> (2019)	Plataforma CAPES	Saúde e atividades de lazer de jovens no ensino médio	O estudo contou com a participação de 350 estudantes de uma escola técnica de segundo grau os quais foram submetidos a um questionário cuja finalidade reside na

			compreensão de como anda a saúde dos jovens participantes de um programa de esporte e lazer (PEL).
TENÓRIO (2020)	LICERE	Quem ama o tradicional, bonito lhe parece: significados discentes atribuídos à escola, à educação física e ao lazer.	O estudo busca analisar a percepção discente acerca das aulas de Educação Física escolar utilizando a pesquisa participante como metodologia para a realização desta pesquisa de campo de caráter qualitativo.
LUIZ, MARINHO (2021)	LILACS	Espaços e equipamentos de lazer: reflexões sobre o tempo de recreio escolar	O artigo busca investigar a interação dos educandos com objetos de lazer durante o horário de recreio escolar em uma escola privada de Florianópolis/SC. Estudo de campo, descritivo e exploratório que contou com a participação de 19 estudantes crianças e adolescentes.

A partir da tabela apresentada e da análise dos artigos supracitados, pôde-se criar subdivisões que contemplam artigos afins, com temáticas semelhantes. Desse modo, 4 grupos emergiram, a saber:

Figura 1 – subdivisões dos artigos encontrados sobre Lazer no ensino médio nos últimos 10 anos.



O LAZER NA ESCOLA: UMA ANÁLISE NO ENSINO MÉDIO

Como já mencionado, a proposta central desta pesquisa é trazer à luz os trabalhos científicos que tratam da temática do lazer na escola, especificamente no Ensino Médio. Todavia, durante a coleta de dados, observou-se que alguns artigos, embora tratem do lazer na faixa etária correspondente ao Ensino Médio (14-17 anos), desenvolveram processos metodológicos que os levaram a contemplar outros temas fora do ambiente escolar. Apesar disso, tais discussões não são menos relevantes para a presente pesquisa.

Dessa forma, os artigos analisados foram organizados em quatro grupos temáticos:

1. Lazer e Escola – Refere-se às formas como o lazer se manifesta nos ambientes escolares.
2. Lazer e Atividade Física – Inclui artigos que debatem as preferências dos jovens em seu tempo livre, destacando atividades físicas.
3. Lazer e Processos de Saúde e Doença – Analisa os impactos das atividades (ou da inatividade) de lazer na saúde dos adolescentes.

4. Lazer, Sociedade e Afetividade Juvenil – Composto por um único artigo, que discute a influência da sociabilidade no tempo e espaço do lazer.

LAZER E ESCOLA

O RECREIO ESCOLAR COMO ESPAÇO DE LAZER

Durante a extensa carga horária escolar, em que momento há espaço para atividades de lazer? Existe um tempo dedicado inteiramente ao prazer e satisfação do estudante diante das demandas acadêmicas? Ao refletir sobre essas questões, é comum que o primeiro pensamento seja o recreio – um período destinado à liberdade do estudante dentro do ambiente escolar, permitindo que ele exerça suas preferências de forma espontânea.

Segundo Luiz & Marinho (2021), que investigaram o recreio escolar de estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, embora esse tempo seja direcionado à liberdade do educando, ele deve estar alinhado com a proposta pedagógica da instituição. Os autores afirmam que a escola tem a responsabilidade de planejar e mediar esse espaço, pois a educação continua presente mesmo nos intervalos entre as aulas.

Para compreender melhor as percepções dos estudantes sobre o recreio, Luiz & Marinho (2021) realizaram entrevistas semiestruturadas, identificando os espaços mais utilizados para o lazer dentro da escola. Os resultados apontaram que os locais preferidos pelos alunos são os pátios internos e externos, enquanto a biblioteca foi um dos espaços de maior rejeição.

A baixa preferência pela biblioteca pode estar associada ao fato de seu ambiente se assemelhar ao da sala de aula, o que não atrai os estudantes no horário de recreio. Em contrapartida, os pátios são espaços onde ocorre maior interação social, possibilitando brincadeiras e jogos – seja pela criatividade dos próprios alunos ou pelo uso de equipamentos disponibilizados pela escola. Entre as atividades mais valorizadas, destacam-se o pebolim e a mesa de pingue-pongue, sendo estas preferidas majoritariamente pelos meninos. Os autores sugerem que essa preferência está relacionada ao fato de os garotos

estarem mais conectados com esportes de competição e disputa (LUIZ & MARINHO, 2021, p. 7).

LAZER E GÊNERO: DIFERENÇAS NAS ESCOLHAS DOS ESTUDANTES

A pesquisa evidenciou uma diferenciação nas atividades escolhidas conforme o gênero dos estudantes. Enquanto os meninos tendem a optar por jogos competitivos, grande parte das meninas busca locais mais tranquilos para socializar e conversar (LUIZ & MARINHO, 2021).

Essa distinção está enraizada em conceitos e preconceitos estruturais que moldam as relações de gênero. Expressões como “meninos jogam futebol e meninas jogam vôlei” refletem normas socialmente construídas que limitam as possibilidades de lazer e prejudicam a luta pela igualdade de oportunidades (SOUZA JUNIOR, 2020).

A socialização é um elemento essencial do lazer, pois encoraja os sujeitos a vivenciá-lo de maneira plena (SOARES NETO, 2018). Entretanto, a segregação de gênero cria barreiras entre os jovens e suas experiências de lazer, reforçando estereótipos que já estão presentes no imaginário social (NODARI & ROSA, 2020). Essa segregação se torna ainda mais preocupante quando ocorre dentro da escola – um espaço que deveria promover a formação crítica e a desconstrução de padrões limitantes.

A DEFICIÊNCIA INSTITUCIONAL E A RESSIGNIFICAÇÃO DO LAZER

Diante desse cenário, percebe-se uma deficiência institucional no que diz respeito à inclusão do lazer como parte essencial do processo educacional. No entanto, os próprios estudantes encontram formas de superar essa limitação, criando grupos sociais baseados em afinidades e interesses comuns. Essas redes de sociabilidade tornam o recreio um momento importante para a

realização do lazer na escola, mas não devem ser o único espaço destinado a ele.

Para ampliar as possibilidades de lazer dentro do ambiente escolar, é necessário ressignificá-lo como uma ferramenta educacional. Esse processo deve envolver professores, gestores, equipe administrativa e demais instâncias burocráticas da escola, garantindo que o lazer seja tratado como um direito dos estudantes e um elemento fundamental para o seu desenvolvimento (LUIZ & MARINHO, 2021).

Pousas (2017, p. 335) ressalta que a incorporação do lazer nas atividades escolares pode trazer benefícios significativos para o bem-estar dos estudantes, incentivando não apenas a socialização, mas também o desenvolvimento de habilidades cognitivas e emocionais.

Compreendo que a educação para e pelo lazer representa uma função formativa, que se configura em diferentes tempos e espaços sociais. Desse modo, faz-se necessário entender que a escola também é promotora de ações que visam ao ganho cultural e social do aluno, concomitante ao exercício e direito ao lazer. Considerando que a instituição escolar não pode ser concebida como um local exclusivamente escolarizado, ou seja, que se reduzem às atividades prescritas pelos conteúdos programados, vindos das instâncias burocráticas dos sistemas educacionais, a incompletude institucional muitas vezes se esbarra no protagonismo dos alunos, os quais propõem espaços de expressão de seus modos e de suas culturas.

Nesse contexto, o autor citado busca, por meio da utilização de grupos focais, compreender as relações entre escolarização e lazer no Ensino Médio, as quais configuram um embate diário dentro desse cenário. Em sua pesquisa, Pousas (2017) faz uma crítica ao sistema educacional vigente, destacando que muitos aspectos fundamentais para a formação humana são negligenciados em prol dos interesses do capital. Segundo o autor, “a escola [...] está extremamente voltada para conteúdos, mecanização, memorização e, basicamente, preparação para o labor” (POUSAS, 2017, p. 345).

Dessa forma, o tempo dedicado ao lazer dentro das escolas é reduzido pela hegemonia de conteúdos utilitaristas, gerando um descompasso entre as necessidades dos alunos e o que lhes é ofertado pela instituição educacional.

Brandão (2003) caracteriza a relação entre lazer e escola como antagônica, argumentando que a escola, embora seja uma instituição voltada para o ensino do “fazer”, não reflete sobre o propósito desse fazer. A ênfase excessiva na preparação para o mercado de trabalho limita o universo de possibilidades dos estudantes, determinando seus futuros antes mesmo de descobrirem seus interesses. Além disso, esse modelo de ensino contribui para a alienação dos objetivos dos sujeitos, ao passo que reforça o ciclo vicioso entre trabalho e consumo.

A escola, em geral, tem privilegiado os meios de ensino, ou seja, o “como fazer”, deixando de lado a discussão mais relevante que responde a pergunta “para que ensinar?”. As disciplinas se apresentam umas isoladas das outras e até mesmo do mundo real, das coisas que acontecem na sociedade; há pouco, ou até mesmo, nenhum espaço para discussão sobre questões relativas às finalidades político-sociais da educação e do ensino; dá-se uma importância excessiva a conteúdos pré-estabelecidos, desvinculando-se do contexto social em que está inserido, entre outros aspectos (BRANDAO, 2003, p. 26).

A dicotomia entre educação escolar e lazer tem como principal prejudicado o educando, que, apesar de ser o sujeito central do processo educativo, frequentemente se vê desmotivado. Esse desinteresse pode levá-lo a ser erroneamente rotulado como preguiçoso ou indiferente ao conteúdo escolar (POUSAS, 2017). Esse processo – sim, é um processo – torna-se mais evidente ao longo dos anos letivos, à medida que o estudante passa por um período de maturação física e mental, o que desperta novas questões e interesses antes inexistentes.

Dessa forma, percebe-se um contraste significativo entre o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. No primeiro, os alunos demonstram entusiasmo e engajamento, especialmente em atividades práticas como as aulas

de Educação Física. No segundo, há um declínio na participação e no interesse estudantil, atingindo um ponto crítico de desmotivação (TENÓRIO, 2020).

Isso ocorre, em grande parte, devido ao caráter utilitarista da educação atual, que, segundo Marcellino (2010), visa preparar os jovens para o trabalho. No entanto, esse modelo educacional acaba formando indivíduos mais aptos a serem meros produtores e consumidores do que cidadãos críticos e autônomos. Essa perspectiva reducionista restringe o conceito de lazer, afastando-o de sua essência de liberdade, bem-estar e desenvolvimento humano. Além disso, essa lógica está enraizada em diretrizes e regulamentos educacionais, como a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e o Plano Nacional de Educação (PNE).

Tenório (2020) aponta diversos fatores que contribuem para a crescente desmotivação dos alunos em relação às aulas de Educação Física, tais como: Baixa diversidade e ludicidade nas atividades propostas; Intimidação sistêmica (bullying) contra alunos com menor aptidão esportiva; Falta de significado percebido nas atividades

Esse fenômeno da desmotivação não é exclusivo da Educação Física, mas se estende a todas as disciplinas do Ensino Médio. Como destaca Barcellos (2018):

“Quanto maior o ano escolar, maior também o descaso dos professores, acompanhado do desinteresse total dos alunos, que respondem ao que lhes é oferecido” (p. 5).

Diante desse cenário, a educação regular no Ensino Médio não tem conseguido atender às demandas das novas gerações, revelando-se obsoleta e descontextualizada.

A MUDANÇA NAS PRÁTICAS DE LAZER DOS JOVENS

Investigando os hábitos de lazer dos jovens do Ensino Médio, Tenório (2020) observa que a maioria opta por práticas passivas e de baixa interação

presencial, como o uso excessivo das redes sociais. Esse comportamento contrasta radicalmente com as brincadeiras da infância, que envolviam movimento e interação, como esconde-esconde, pega-pega, futebol e pula-corda.

Essa mudança levanta uma reflexão importante: o lazer, na adolescência, migra para o ambiente digital, reduzindo o contato social direto. Segundo Nahas (2017), o lazer passivo – caracterizado pelo uso de tecnologias como smartphones, tablets e videogames – é consequência da revolução tecnológica, podendo levar à inatividade física.

No entanto, o problema não está apenas na tecnologia, mas também na inércia da instituição escolar, que falha em oferecer opções de lazer significativas dentro do seu próprio espaço. Em vez de promover a educação para o lazer e pelo lazer, a escola reprime essa dimensão da vida estudantil (POUSAS, 2017).

PRÁTICAS TRANSGRESSIVAS: UMA LUTA PELO DIREITO AO LAZER

Sem espaço para o lazer na escola, os estudantes buscam alternativas para suprir essa necessidade, muitas vezes recorrendo a práticas informais, como o uso excessivo de dispositivos digitais. Entretanto, também há formas mais ativas de resistência.

Pousas (2017) denomina esse fenômeno de Práticas Transgressivas, caracterizando a transgressão como um meio de questionar o sistema vigente e propor novas formas de ação. Ele observa que, em diversas escolas, grupos estudantis organizam iniciativas que buscam garantir o direito ao lazer para toda a comunidade escolar.

Dessa perspectiva, "matar aula" – prática frequentemente mencionada pelos estudantes entrevistados – não pode ser vista apenas como irresponsabilidade, mas também como um ato de reivindicação por um espaço mais equilibrado entre estudo e lazer dentro do ambiente escolar. Nas palavras do autor:

percebi que era muito forte esse expediente de “matar aula” entre os alunos. Esse modelo de transgressão foi relacionado pelos jovens a várias ocasiões nos GFs, como: descansar, jogar sinuca, tocar violão, ouvir música, conversar, resolver tarefas de outras matérias escolares, jogar baralho, ir para o CEU, dentre outras (POUSAS, 2017, p. 354).

Nota-se, portanto, a disputa pelo lazer dentro das instituições de ensino, na qual, de um lado, está o Plano Nacional de Educação (PNE), com sua Meta 6, que busca expandir a educação em tempo integral tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio (BRASIL, 2015). Do outro lado, encontram-se os estudantes, sujeitos de direito da educação, que reivindicam uma experiência escolar menos predatória e mais humanizada, que respeite seus gostos e preferências e possibilite a interação entre eles por meio de atividades culturais, artísticas, físicas e sociais.

A Meta 6 do PNE levanta questões importantes:

- Como será a absorção do conteúdo diante de uma carga horária tão extensa sem pausas para o lazer?
- O que acontecerá com a qualidade de vida desses estudantes?
- Quais impactos isso terá sobre suas paixões e aptidões?

PRÁTICAS TRANSGRESSIVAS: A RESISTÊNCIA DOS ESTUDANTES

Diante desse cenário, emergem as chamadas Práticas Transgressivas, que representam a materialização da insatisfação discente com o modelo educacional vigente. Essas práticas incluem ações como:

* Esconder-se nos corredores durante o recreio para conversar livremente com os amigos, já que esse é um dos poucos momentos do dia com interação verbal irrestrita;

*Ocupar o pátio escolar para promover atividades culturais espontâneas, como brincadeiras cantadas, música, poesia e dança, priorizando a diversão em vez

da performance;

*Aproveitar o tempo livre para a prática esportiva, experimentando diferentes modalidades e adaptando as regras para tornar os jogos mais inclusivos e dinâmicos (LUIZ & MARINHO, 2021; POUSAS, 2017; TENÓRIO, 2020).

AS PREFERÊNCIAS DE LAZER DOS ESTUDANTES

Com base na pesquisa de Tenório (2020), identificam-se três principais áreas de interesse dos estudantes para ocupar seu tempo livre:

*Atividades físicas

* Interações sociais

* Expressões artísticas

Entretanto, o autor destaca que ter interesse não significa ter acesso, pois o fator econômico é determinante tanto na disponibilidade de tempo quanto nas oportunidades de lazer. Como observa Tenório (2020, p. 272):

“O lazer é um privilégio associado à classe social.”

Dessa forma, cabe à escola proporcionar um ambiente onde os estudantes possam explorar novas experiências. Afinal, como alguém pode descobrir que gosta de tocar violino se nunca teve essa oportunidade?

O mesmo vale para outras práticas, como videogames, lutas, ginástica, natação, canto, moda, corte e costura, arco e flecha, cinema, teatro, violão, flauta, poesia, Libras, inglês, entre tantas outras. A diversidade de atividades possíveis no ambiente escolar pode contribuir significativamente para renovar o interesse dos alunos, que, na educação tradicional contemporânea, muitas vezes se veem desmotivados e alienados do próprio aprendizado.

Falando dos jogos e brincadeira como uma possibilidade educacional, Barcellos (2018) menciona que

acreditando no poder contagiente do riso, um ambiente em que a brincadeira é aceita como natural e usufruída com interesse, poderia pôr fim à um ambiente agressivo, cheio de desconfianças, suspeitas e hostilidades. As brincadeiras têm o poder de despertar

potencialidades no desenvolvimento humano, pois requer sentimento de partilha e de respeito às normas combinadas. Investigações e experiências nesse sentido já mostraram a capacidade lúdica de transformação de comunidades inteiras, verificados em escolas e ONGs, cujo compromisso é social (BARCELLOS, 2018, p. 5)

Nota-se, portanto, que os interesses educacionais, quando alinhados aos interesses do educando, podem proporcionar uma educação mais lúdica e prazerosa para ambos. Todavia, para que isso ocorra, o sistema educacional deve se desvincilar das amarras do capital, da busca incessante pela performance estudantil e, principalmente, considerar a voz do estudante como uma reivindicação por seus direitos. Ou seja, levar em conta seus gostos, preferências e historicidade contribuirá para a construção de uma educação mais justa e contextualizada, que trata o lazer com a mesma importância que trata o trabalho, sem negligenciar nenhum desses conceitos, e ofereça ao estudante aquilo que ele realmente almeja: uma educação mais democrática.

LAZER E ATIVIDADE FÍSICA

Este grupo reúne dois artigos selecionados após análise de conteúdo. Curiosamente, o primeiro trata das barreiras percebidas à prática de atividade física no tempo de lazer de adolescentes (DIAS, 2014), enquanto o segundo aborda os fatores que facilitam essa prática. Assim, ambos os artigos se complementam, formando uma discussão coerente e abrangente. Vale destacar que este grupo está intimamente relacionado ao tema “Lazer e processos de saúde e doença”; no entanto, a presente abordagem foca nos aspectos sociais do lazer enquanto prática física.

Antes de avançar, é essencial compreender o conceito de atividade física. A pesquisa sobre o tema apresenta definições amplas e variadas, cabendo ao pesquisador interpretar quais são mais relevantes para seu estudo. Nesse sentido, Nahas (2017) define atividade física como “movimento corporal produzido pela contração da musculatura esquelética que eleva o gasto energético além do nível de repouso” (p. 329).

Quando inserida no contexto do lazer, a atividade física assume uma característica distinta: a voluntariedade. Nahas (2017, p. 329) explica que a atividade física no lazer se refere àquela que “não se caracteriza como atividade essencial da vida diária de uma pessoa, sendo realizada a seu critério”. Além disso, torna-se pertinente a conceituação de exercício físico, dada sua proximidade com o tema: “Representa uma das formas de atividade física, planejada, sistemática e repetitiva, que tem por objetivo a manutenção, desenvolvimento ou recuperação de um ou mais componentes da aptidão física” (NAHAS, 2017, p. 333).

Considerando esse panorama, Camargo (2017) investiga os fatores que levam adolescentes do ensino médio (entre 14 e 17 anos) a praticarem atividades físicas durante o tempo livre de obrigações escolares, laborais, familiares ou religiosas. Esse tipo de estudo se torna especialmente relevante diante de indicadores nacionais que revelam que “metade dos adolescentes não pratica atividade física no lazer nos níveis recomendados” (CUREAU, 2016 apud CAMARGO, 2017, p. 561). Diversos fatores contribuem para esse cenário, sendo aqui denominados barreiras, pois dificultam ou impedem a inclusão da atividade física na rotina dos jovens.

Uma dessas barreiras é a preferência pelo uso de tecnologias durante o tempo livre, incluindo mídias digitais, videogames, celulares e smart TVs (DIAS, 2014). Outra barreira identificada por Dias (2014) em sua pesquisa transversal com 1.409 estudantes do ensino médio, por meio de questionários semiestruturados, foi a própria preguiça. Esse achado sugere a falta de estímulo para hábitos ativos desde a infância.

A terceira barreira, frequentemente mencionada, é a “falta de tempo”. Esse fator abre espaço para discussões de caráter social, pois a ausência de tempo livre decorre, muitas vezes, do acúmulo de obrigações, como trabalho, afazeres domésticos, preparação para vestibulares e ingresso no mercado de trabalho (DIAS, 2014, p. 3346). No entanto, essa realidade não é homogênea entre os adolescentes, sendo fundamental considerar aspectos como gênero, idade, classe econômica e apoio social (CAMARGO, 2017, p. 562).

Dessa forma, percebe-se que diferentes grupos sociais possuem oportunidades desiguais de acesso ao lazer. Um exemplo disso é a falta de espaços públicos para a prática de atividades físicas (DIAS, 2014). Contudo, essa carência não afeta todas as classes sociais de maneira equitativa. No Brasil, a estrutura social empurra as camadas menos favorecidas para periferias, favelas e cortiços, enquanto privilegia aqueles que têm acesso às áreas centrais com maior oferta de espaços culturais e de lazer. Esse cenário perpetua a exclusão social e a desigualdade no acesso a políticas públicas voltadas à promoção do lazer e da cultura, impactando negativamente a qualidade de vida das populações mais vulneráveis (NAIFF & NAIFF, 2005; PESSOA et al., 2023).

Melo e Peres (2005), ao analisarem as desigualdades socioespaciais na distribuição dos equipamentos culturais na cidade do Rio de Janeiro, constataram que grande parte da oferta de museus, bibliotecas, centros culturais, parques/florestas, teatros e salas de cinema, se concentram nas regiões mais nobres da cidade (PESSOA et al, 2023),

A partir disso, nota-se que, em alguns casos, o lazer independe de um ato voluntário, tornando-se uma impossibilidade devido à classe social do indivíduo. No entanto, existem meios de minimizar esses obstáculos e possibilitar o acesso ao lazer nos diversos setores da sociedade.

Dias (2014) e Camargo (2017) afirmam que o estímulo social das pessoas que cercam o jovem pode ser, simultaneamente, uma barreira e um facilitador. Ou seja, a falta de apoio de amigos e familiares para a prática de atividades físicas no lazer representa um grande obstáculo nesse contexto. Por outro lado, o incentivo por parte da família e dos amigos pode ser um fator determinante para que o jovem escolha praticar atividades físicas em seu tempo livre. Segundo Camargo (2017, p. 565), “esse mecanismo de apoio sugere estímulo, praticar junto, transportar para a atividade, assistir e conversar sobre a atividade”.

Camargo (2017), com base nos resultados coletados em sua pesquisa por meio de grupos focais com estudantes do ensino médio, elenca os principais

facilitadores para a prática de atividades físicas no lazer. Os cinco principais fatores identificados foram, respectivamente:

1. Apoio social dos amigos;
2. Apoio social dos pais;
3. Ter habilidades motoras e físicas;
4. Aulas de Educação Física que desenvolvem habilidades motoras e físicas;
5. Praticar atividades físicas no contraturno das aulas.

Sobre as aulas de educação física o referido autor menciona que

Outro facilitador citado pelos adolescentes diz respeito às aulas de educação física, educação física trabalhar as habilidades motoras e físicas. Os achados do presente estudo revelam que o tempo destinado à disciplina de educação física nas escolas não está sendo adequado para que nossas crianças e adolescentes desenvolvam habilidades suficientes para realizar jogos, brincadeiras, esportes e demais. Consequentemente, o que deveria ser um facilitador para a prática de atividade física acaba se tornando uma barreira pois, se não aprendem corretamente não se sentem competentes para tais atividades, diminuindo assim a autoeficácia para a atividade física. É necessário ter um olhar cuidadoso, sobre o aprendizado da educação física escolar. O esporte é um dos conteúdos principais das aulas de educação física (futebol, voleibol, basquetebol e handebol) durante todo o ensino fundamental²⁸. No entanto, nossas adolescentes reportam dificuldade ao realizar essas atividades. E ainda, relatam que se tivessem aprendido, com certeza, seriam ativos. (CAMARGO, 2017, p. 566).

Nesta perspectiva, as aulas de Educação Física merecem maior atenção, considerando sua importância para o estímulo físico e motor dos estudantes. Elas podem desempenhar um papel determinante na criação de hábitos saudáveis relacionados à prática de atividades físicas. Assim, não apenas a disciplina de Educação Física, mas toda a instituição escolar deve, a partir da compreensão da relevância do lazer e das atividades físicas, oferecer meios para o desenvolvimento das valências motoras necessárias. Isso possibilita que

os alunos adquiram confiança para praticar atividades físicas de maneira autônoma ao longo da vida.

LAZER E PROCESSOS DE SAÚDE E DOENÇA

Muito relacionado ao grupo anterior, nesta etapa da pesquisa foram selecionados dois artigos que abordam as relações entre o lazer de jovens e adolescentes e os processos de saúde e adoecimento desse público. Entre os trabalhos analisados, um se destaca por tratar de um tema de saúde pouco explorado tanto no âmbito do lazer quanto no contexto educacional. Intitulado “Prevenção da perda auditiva no contexto escolar frente ao ruído do lazer”, o estudo de Santana et al. (2016) investiga os hábitos de estudantes em idade escolar relacionados ao uso de aparelhos de som estéreo, incluindo caixas de som e fones de ouvido. Para isso, foram aplicados dois questionários, seguidos de uma palestra expositiva e, posteriormente, uma análise descritiva dos dados coletados.

É imprescindível destacar que o conceito de saúde não possui um caráter irrefutável. Até pouco tempo, era entendido apenas como a simples ausência de doenças. No entanto, com a evolução das sociedades, esse conceito se tornou mais amplo e contextualizado, abrangendo múltiplos aspectos do bem-estar humano.

Em geral, as pessoas ainda associam saúde à mera ausência de doenças, preservando o conceito equivocado e dicotômico de que uma pessoa ou é absolutamente saudável ou doente. Difícil de definir objetivamente, a tendência atual é considerar saúde numa perspectiva holística, como uma condição humana com dimensões física, social e psicológica, caracterizada num contínuo com polos positivos e negativos (NAHAS, 2017. p. 342)

Desse modo, fica evidente que a saúde, sob uma ótica objetificada, não abrange a complexidade do tema, limitando-se à simples ausência de patologias físicas. No entanto, o corpo humano vai muito além do físico, constituindo-se como uma construção holística que nega a dicotomia cartesiana e reafirma a

totalidade do ser, considerando seus aspectos físicos, psíquico e, para alguns autores, até espiritual (NÓBREGA, 2016).

Nesse sentido, Santana et al. (2016), ao investigar a saúde auditiva da população jovem, analisam como esses estudantes têm utilizado aparelhos de som estéreo. Os autores afirmam que “a perda auditiva da população jovem, decorrente de atividades de lazer com ruído elevado, vem crescendo substancialmente” (SANTANA et al., 2016). Os resultados da pesquisa indicam que grande parte dos jovens faz uso de estéreos em frequências que ultrapassam as recomendações, mesmo cientes das consequências nocivas à audição. Entre os principais sintomas relatados pelo grupo pesquisado, destacam-se zumbido auricular, dor de cabeça e diminuição da capacidade auditiva.

Outro dado relevante está relacionado ao modelo de fone de ouvido utilizado pelos jovens. O fone de inserção mostrou-se o preferido desse público, devido à sua discrição e facilidade de transporte. No entanto, esse tipo de fone "pode favorecer a potencialização do equipamento, adicionando de 7 a 9 dB (decibéis) no nível de intensidade" (SANTANA et al., 2016, p. 5). Marque et al. (2015) classificam a perda auditiva como uma questão emergencial no âmbito da saúde pública entre os jovens, destacando a poluição sonora no tempo livre — ou melhor, o "ruído do lazer" quando utilizado indiscriminadamente — como um sério problema de saúde que afeta essa população.

Já no segundo artigo, a relação entre as atividades de lazer e as Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT) é investigada. Tolocka et al. (2019) afirmam que a escolha pela prática de atividades físico-esportivas no tempo livre pode representar a diferença entre saúde e doença, sendo essa escolha essencial para a manutenção de um estilo de vida ativo e contrário ao paradigma contemporâneo do jovem fisicamente inativo e sedentário (TOLOCKA et al., 2019; DIAS, 2014; CAMARGO, 2017).

Sob a ótica de Nahas (2017), o comportamento sedentário tem sido uma das principais causas do desenvolvimento de DCNT, patologias que figuram entre as principais causas de morbidade no Brasil (TENÓRIO, 2010). Além disso,

outro dado importante se refere ao comportamento no ambiente escolar, o qual pode revelar indícios de sedentarismo entre os estudantes.

participação nas aulas de educação física é um fator associado tanto ao nível de prática de atividades físicas quanto à exposição a comportamento sedentário. Além deste fator, os resultados indicam que o local de residência, o turno, a situação ocupacional e o sexo discriminaram significativamente estas condutas de saúde. (TENÓRIO, 2010, p. 110).

Partindo do pressuposto acima e retomando a discussão apresentada no tópico anterior (Lazer e atividade física), percebe-se, mais uma vez, a relevância das aulas de Educação Física para estimular o corpo em movimento dos jovens no ambiente escolar. Em um espaço de aula democrático e inclusivo, a aquisição de competências motoras pode ocorrer de maneira facilitada para o educando, sem brincadeiras de mau gosto ou pressões externas, permitindo que o aprendizado aconteça por meio da experiência vivida em aula, promovendo, assim, a autonomia para sua aplicação fora dela.

De acordo com os estudos de Camargo (2017), o aspecto lúdico na prática física possui íntima relação com a aquisição das habilidades necessárias para a sua execução. Esse não é um processo que se inicia apenas no ensino médio, mas que deve ser desenvolvido desde os primeiros anos da educação regular.

Dessa forma, por meio de uma educação para e pelo lazer, torna-se possível o enfrentamento de paradigmas sociais e escolares que limitam o pleno desenvolvimento do educando (MARCELINO, 2010).

Destarte Tolocka et al (2019, p. 42) encerra dizendo que

tornar a prática de atividade física prazerosa é uma estratégia importante para prevenção de doenças e deve estar atrelada a busca por qualidade de vida e bem-estar global¹, o que também implica em mudanças sociais²⁴ e valorização do tempo livre.

Isso posto, para os jovens obterem a oportunidade de usufruir dos benefícios da união dos direitos sociais do Lazer e da Saúde deve-se repensar a forma como ambos são tratados na sociedade, bem como a maneira que são trabalhados no ambiente escolar o qual prepara futuros cidadãos para a inserção na sociedade.

Considerar o jovem em suas instâncias biopsicossocial faz-se imprescindível para a obtenção de saúde mediante atividades de Lazer (TOLOCKA et al, 2019).

LAZER, SOCIEDADE E AFETIVIDADE

Por fim, mas não menos importante, faz-se necessário um olhar mais atento para o aspecto social e afetivo suscitado pelo lazer entre o público mais jovem. Em trechos anteriores, pôde-se notar que as relações interpessoais de amizade podem ser um importante estímulo à prática do lazer. Ao se pensar em prática, logo se cria a associação a ações, ao físico, ao próprio fazer ou saber fazer. Entretanto, o lazer não se restringe ao ato, percorrendo também os caminhos do inato. Ou seja, o já mencionado lazer passivo (NAHAS, 2017) deve ser levado em consideração na reflexão crítica sobre o lazer, tendo em vista os aspectos de liberdade, autonomia e desenvolvimento social e pessoal (MARCELLINO, 1996).

Logo, mesmo na passividade há lazer; mesmo no consumo pode existir atividade. Essa questão merece maior atenção, pois representa uma grande dúvida na tênue linha que separa atividade e passividade. Tal problemática é abordada por Marcellino (1996, p. 20) ao questionar: “Todo o assistir, todo o consumo, pertenceria ao campo da passividade?”

Para elucidar dúvidas desse gênero, o autor compara duas experiências: tocar um instrumento musical, mesmo sem destreza para tal, e ouvir uma orquestra em um concerto musical. Qual dessas experiências seria mais enriquecedora ou mais satisfatória para o sujeito?

Tais questionamentos tornam-se subjetivos à medida que Dumazedier (apud Marcellino, 1996) instrui que, por si só, atividades de lazer não se configuram como ativas ou passivas, dependendo do nível de participação do sujeito, sua compreensão, apreciação, entre outros aspectos. Nesse ínterim, a realidade social tem relevante influência no trato do lazer, uma vez que diferentes públicos, pertencentes a diferentes classes sociais e faixas econômicas, tendem

a vivenciar formas distintas de lazer, sendo algumas mais propensas ao consumo e outras à participação ativa.

Dessa forma, a pesquisa de Nodari & Rosa (2018) representa a única investigação elencada neste último grupo, abordando a influência da participação em grupos de lazer no desenvolvimento de adolescentes. O estudo utiliza a teoria bioecológica como principal referência teórica e adota entrevistas semiestruturadas para a coleta de dados. Nota-se, à primeira vista, a abrangência do termo “desenvolvimento”, o qual é delimitado pelos autores como sendo o desenvolvimento da autonomia, do protagonismo, da criatividade e da construção de laços de solidariedade e cooperação (NODARI & ROSA, 2018, p. 682).

Foram elencados, no artigo, quatro grupos de lazer dos quais os jovens fazem parte, sendo eles grupos esportivos, de dança, de teatro e de música. Tais grupos, na perspectiva de Nodari & Rosa (2018), representam microssistemas dentro da rotina dos educandos, pautados na teoria bioecológica. Entre os grupos de lazer, relatou-se, pela população pesquisada, a baixa oferta de atividades extracurriculares nas instituições de ensino, configurando uma crítica à escola e à maneira como esta vem negligenciando a relevância do lazer para seus alunos.

Diante dessa carência, a maior parte dos grupos de lazer destacados são provenientes de instituições religiosas ou da improvisação nas ruas e comunidades, resultado da ausência de políticas públicas específicas. Nodari & Rosa (2018, p. 689) evidenciam, em estudos anteriores, “a escassez de projetos sociais nas comunidades que, de fato, envolvam e integrem os jovens em sua concepção e desenvolvimento”.

Os autores ainda complementam, demonstrando que, quando tais projetos ou políticas existem, sua estruturação deficiente impede a plena realização do conceito de lazer na prática dos jovens.

Além do apoio institucional, outra ferramenta essencial na democratização do lazer juvenil é a relação do jovem com amigos e família, sendo esses grupos influenciadores diretos no estilo de vida do sujeito (CAMARGO et al., 2017).

Os jovens relatam ainda a importância dos incentivos que recebem da família para permanecerem no grupo, o que lhes dá disposição e motivação. Esses incentivos são percebidos de várias formas: quando os pais permitem que eles viajem com o grupo, reafirmando suas relações de confiança, no esforço dos pais quando precisam de dinheiro para as viagens, campeonatos, etc., por meio de palavras motivadoras, reconhecendo e valorizando o papel do filho no grupo, entre outros. (NODARI & ROSA, 2018. p. 682).

Com isso, nota-se a necessidade de incentivo não apenas por parte dos amigos, mas também da família, para fortalecer e valorizar as ações realizadas pelos jovens na busca pelo seu direito ao lazer. Esse tipo de influência se intensifica ao se considerar aspectos afetivos e de bem-estar emocional, os quais possuem caráter subjetivo e são aflorados ao se passar tempo com pessoas queridas, como amigos e familiares.

Borsa (2013) introduz o conceito de “amizade intercultural”, demonstrando que, por meio do contato com amigos, a influência exercida e recebida promove o intercâmbio cultural e, consequentemente, a diversidade como um dos elementos intrínsecos ao lazer social.

Dessa forma, a vivência compartilhada torna-se uma das ferramentas mais relevantes na busca por um tempo livre prazeroso, autônomo e consciente. As companhias de amigos e familiares, assim como os laços afetivos entre eles, exercem influência direta sobre as escolhas de lazer dos jovens. Além disso, o ambiente familiar e o círculo de amizades podem conduzir tanto à atividade quanto à inatividade, sendo determinantes para mudanças ou manutenções no estilo de vida. De acordo com Nahas (2017), esse fator pode representar a diferença entre a adoção de hábitos saudáveis ou prejudiciais à saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para sintetizar o assunto abordado neste estudo, é necessário um olhar histórico, até mesmo mitológico. Ontologicamente, não se pode falar em tempo

de lazer sem considerar a existência de um tempo livre para tal. Assim, refletir sobre tempo livre na sociedade capitalista remete, muitas vezes, à ideia de um tempo oprimido, situado entre as sobras do tempo de trabalho e o início das obrigações domésticas, sociais, religiosas e outras.

Diante disso, esta pesquisa teve como objetivo analisar a produção acadêmica da última década sobre lazer, escola e juventude, além de relacioná-la com os conhecimentos já amplamente difundidos no meio científico e com as percepções populares sobre lazer.

No que se refere à questão temporal, surge um questionamento: em que momento o lazer, o ócio ou a recreação são considerados legítimos para os jovens? Wogel (2013) apresenta a existência de dois tempos distintos, um objetivo e outro subjetivo, representados por duas figuras mitológicas.

A primeira, Cronos, titã da mitologia grega e pai dos deuses, simboliza o tempo linear. “Cronos é a representação do tempo tirano e voraz, aquele que devora seus filhos. Voraz em não perder tempo para que ninguém tome o seu reinado” (WOGEL, 2013, p. 4). Esse conceito evidencia que o tempo de Cronos não se destina ao lazer. Por seu caráter objetivo, temeroso e linear, Cronos abdica do amor dos filhos em prol de sua ambição, representando o tempo das obrigações, preocupações e trabalho (*tripalium*), bem como o tempo da educação formal.

Por outro lado, há Kairós, outro filho de Cronos, que representa um tempo despreocupado do passado e desvinculado do futuro, focado inteiramente no presente. Kairós é descrito como “um jovem alado, de cabelos curtos, que tem somente uma mecha e o restante da cabeça calva. Difícil de ser agarrado, ele não se preocupa com o passar do tempo, mas somente com o presente” (WOGEL, 2013, p. 4). O termo, originado do grego, significa “momento oportuno” e simboliza o tempo do ócio, no qual o lazer não apenas é possível, mas também incentivado. Esse tempo se caracteriza pela irregularidade, pela quebra de paradigmas e pela negação da linearidade — elementos essenciais à criatividade.

A distinção entre esses dois tempos ilustra a realidade vivida pelos estudantes dentro do ambiente escolar. Após a análise dos oito artigos selecionados, percebe-se a preocupação dos autores com a evolução da educação formal, que frequentemente negligencia as necessidades e aspirações dos alunos em favor de um ensino unilateral, que inibe sonhos e potencializa ansiedades. Observa-se que a educação para o lazer, quando ocorre, parte da iniciativa dos próprios estudantes, os quais muitas vezes enfrentam pressões e preconceitos em relação às atividades vivenciadas em seu tempo livre, seja nos momentos legitimados (como recreios e intervalos) ou nos ilegítimos (como faltar aulas e chegar propositalmente atrasado).

Essa necessidade deve ser levada em consideração pelas instituições de ensino não apenas para promover uma educação mais democrática e contextualizada, mas também para garantir aspectos fundamentais que serão essenciais aos estudantes ao término da educação básica. Entre esses aspectos, destacam-se a qualidade de vida, o entendimento sobre trabalho, saúde, atividade física e, naturalmente, o lazer.

As pesquisas analisadas indicam uma supervalorização do tempo de Cronos em detrimento de Kairós, o que tem gerado, entre outras consequências, uma relação antagônica entre a rotina estudantil e a saúde dos jovens. O estresse do dia a dia, o excesso de cobranças relacionadas ao vestibular e a falta de espaço na escola para atividades livres e despreocupadas (como música, teatro, esportes e jogos) podem contribuir para a formação de hábitos prejudiciais na vida adulta, além de aumentar a vulnerabilidade a problemas como depressão, ansiedade, síndrome de burnout, obesidade, doenças cardiovasculares e outras condições crônicas.

Por fim, adoto a primeira pessoa do singular para enfatizar a urgência de uma reformulação na perspectiva educacional brasileira. Em um país onde ser artista pode ser confundido com ser desocupado e onde trabalhar 12 horas por dia é visto como meritório, a educação ainda é predominantemente voltada para a preparação para o trabalho, ignorando as necessidades e paixões dos jovens. Dessa forma, este artigo converge com a visão de Bonzatto (2003, p. 37), ao afirmar que: “O trabalho continua a matar miseravelmente seus

usuários, lentamente, dolorosamente, em agonia. Uma guerra civil silenciosa produzindo vítimas que não sabem que o são e assassinos que não se importam.”

Dante disso, e considerando a crescente preocupação com a educação para o lazer e, por consequência, para a liberdade, recorro à reflexão de Paulo Freire: “A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres vazios a quem o mundo encha de conteúdos” (FREIRE, 1985, p. 79).

Acima de tudo, é fundamental compreender que o aluno carrega consigo sua própria história, cultura, interesses e paixões. Cabe à escola promover uma educação que, além de ampliar os horizontes educacionais, valorize e contextualize o lazer como parte essencial do desenvolvimento humano.

Agradecimentos

Agradecemos ao Centro de Formação, Extensão, Inovação e Pesquisa em Educação, Lazer e Saúde (CEPELS), da Universidade Federal do Tocantins.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodoro. Indústria cultural e sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ALBORNOZ, Suzana Guerra. Sobre O direito à preguiça de Paul Lafargue. Cad. psicol. soc. trab., São Paulo , v. 11, n. 1, p. 1-17, jun. 2008 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172008000100002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 08 nov. 2024.

AQUINO, Cássio Adriano Braz; MARTINS, José Clerton de Oliveira. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. Rev. Mal-Estar Subj. v.7 n.2 Fortaleza set. 2007

BARBOSA, Talita Prado, SILVA, Odair Vieira da. Origens e significados do Lazer. Revista Científica Eletônica De Turismo – ISSN: 1806-9169. Ano VIII – Número 14 – 2011.

BARCELLOS, C. A. O jogo lúdico na escola de ensino básico. Licere (Online) ; 21(4): i:1-f:25, dez2018.

BORSA, J. C. O papel da amizade ao longo do ciclo vital. Psico-USF, v. 18, n. 1, p. 161–162, jan. 2013.

BONZATTO, Eduardo Antonio. TRIPALIUM: O trabalho como maldição, como crime e como punição. UNISEPE Educacional, 1998. Disponivel em: <https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp->

content/uploads/sites/10001/2018/06/Direito_em_foco_Tripalium.pdf. Acesso em: 09/11/2024.

Brasil. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024 : Linha de Base. – Brasília, DF : Inep, 2015.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.

CAMARGO, Edina; DE PAIVA, Hermes; PACHECO, Henrique; DE CAMPOS, Wagner. Facilitadores para a prática de atividade física no lazer em adolescentes. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, [S. l.], v. 22, n. 6, p. 561-567, 2018. DOI: 10.12820/rbafs.v.22n6p561-567. Disponível em: <https://rbafs.org.br/RBAFS/article/view/10975>. Acesso em: 10 nov. 2024.

DIAS, D. F.; LOCH, M. R.; RONQUE, E. R. V. Barreiras percebidas à prática de atividades físicas no lazer e fatores associados em adolescentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 20, n. 11, p. 3339–3350, nov. 2015.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GOMES, C. L. (org.). Dicionário crítico do lazer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA, F. W. R. Fé, poder e propagação: a Igreja Católica na Idade Média e suas representações no teatro de Gil Vicente. *Veredas da História*, [online], v. 11, n. 1, p. 96-133, jul., 2018.

LUIZ, M. E. T.; MARINHO, A. ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS DE LAZER: REFLEXÕES SOBRE O TEMPO DE RECREIO ESCOLAR. *Journal of Physical Education*, v. 32, p. e3225, 2021.

MARCELLINO, N. C. Lazer e Educação. 10. ed. Campinas: Papirus, 2010. 164p.

MARQUES, A. P. C.; MIRANDA FILHO, A. L.; MONTEIRO, G. T. R.. Prevalência de perda auditiva em adolescentes e adultos jovens decorrentes de exposição a ruído social: meta-análise. *Revista CEFAC*, v. 17, n. 6, p. 2056–2064, nov. 2015.

MARX, Karl. O capital: crítica da economia política: livro 1: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2017.

MASCARENHAS, Fernando. Entre o ócio e o negócio: teses acerca da anatomia do lazer. - Campinas, SP: [s.n], 2005.

NAHAS, M. V. Atividade Física, Saúde E Qualidade De Vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo. - 7. Ed - Florianópolis, Ed. Do autor, 2017.

NAIFF, Luciene Alves Miguez; NAIFF, Denis Giovani Monteiro. A favela e seus moradores: culpados ou vítimas? Representações sociais em tempos de violência. *Estud. pesqui. psicol.*, Rio de Janeiro , v. 5, n. 2, p. 107-119, dez. 2005 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812005000200011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 nov. 2024.

NÓBREGA, T. P. Corporeidades: inspirações Merleau-pontinas. Natal : IFRN, 2016.

NODARI, Manoela Pagotto Martins; ROSA, Edinete Maria. Grupos de lazer como contextos de desenvolvimento. *Psicol. rev.* (Belo Horizonte), Belo Horizonte , v. 26, n. 2, p. 680-698, ago. 2020 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682020000200011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 nov. 2024. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2020v26n2p680-698>.

PESSOA, V. L. de F.; RAMOS, D. da S.; PEREIRA, B. de A.; SILVA, L. P. da; FERREIRA, M. M. Lazer e Favela: Produção do Conhecimento em Periódicos Especializados. *LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 249-280, 2023. DOI: 10.35699/2447-6218.2023.48247. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/48247>. Acesso em: 10 nov. 2024.

POUZAS, U. S. Lazer na Escola: As Tensões Estabelecidas entre os Processos de Escolarização e o Lazer em um Colégio de Nível Médio/Técnico. *LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 334-371, 2017. DOI: 10.35699/1981-3171.2017.1598. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1598>. Acesso em: 10 nov. 2024.

SANTANA, B. A. et al.. Prevenção da perda auditiva no contexto escolar frente ao ruído de lazer. *Audiology - Communication Research*, v. 21, 2016.

SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico [livro eletrônico]. -- 1. ed. -- São Paulo : Cortez, 2013.

SOARES NETO, R. N. A.. A IMPORTÂNCIA DO LAZER NO CONTEXTO SOCIAL: Elementos Para o Desenvolvimento e Consolidação de Políticas Públicas. Mediação, Pires do Rio - GO, v. 13, n. 1, p. 96-111, jan.- jun. 2018.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. Educação Física escolar e a questão de gênero. In: ALBUQUERQUE, Denise Ivana de Paula; DEL-MASSO, Maria Cândida Soares. Desafios da educação física escolar: temáticas da formação em serviço no ProEF. São Paulo: Cultura Acadêmica, Universidade Estadual Paulista, Instituto de Educação e Pesquisa em Práticas Pedagógicas, 2020. p. 149-163. Disponível em: <<https://edutec.unesp.br/proef/turmaII/d1/0008-unesp-iep3-livro-desafios-educacao-fisica-escolar-proef-15032021-v2.pdf#page=83>>. Acesso em: 23 out. 2024.

TENÓRIO, J. G. Quem Ama o Tradicional, Bonito lhe Parece: Significados Discentes Atribuídos à Escola, à Educação Física e ao Lazer. *LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 243-282, 2020. DOI: 10.35699/2447-6218.2020.24036. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/24036>. Acesso em: 10 nov. 2024.

TOLOCKA, R. E., RAMOS, E. P., PERUCHIC, L. P. L. SAÚDE E ATIVIDADES DE LAZER DE JOVENS NO ENSINO MÉDIO. *Rev. Aten. Saúde*, São Caetano do Sul, v. 17, n. 59, p. 39-43, jan./mar., 2019.

WOGEL, Lívio dos Santos. O tempo do ócio na formação escolar: a pedagogia do ócio. *Curriculum, tempos, espaços e contextos*, 2013, São Paulo. PUCSP, 2013.